

IDARN
•
2003

Observatório Rural

Observatório Rural

Os Incultos nas Explorações Agrícolas

Título

Observatório das Dinâmicas e Bloqueios de
Desenvolvimento das Zonas Rurais da Região Norte

– **Os Incultos nas Explorações Agrícolas**

Entidade Promotora

Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte

Concepção e Coordenação

Dr. José Miguel Rodrigues da Silva

Eng. Paulo d'Eça

Prof. José Carlos M. Santos

Prof. Orlando Rodrigues

Consultores e Coordenação

Professor Doutor Fernando Oliveira Batista

Professor Doutor João Castro Caldas

Autores

Orlando Rodrigues

Produção Gráfica

Conceptprint

Observatório
das Dinâmicas e Bloqueios
de Desenvolvimento das Zonas
Rurais da Região Norte

Os Incultos nas Explorações Agrícolas

Índice

1. Introdução	1
2. Importância do fenómeno	3
3. Evolução temporal	12
4. Relação com o território	14
5. Motivos do abandono e perspectivas de utilização futura	19
6. Conclusão	21
Anexos	27
Anexo I - A tipologia das explorações agrícolas	
Anexo II - Modelo de inquérito - os incultos	
Anexo III - Quadros de apoio ao texto	

Índice de Figuras

Figura 1	Abandono de terras agrícolas entre 1989 e 1999 nas freguesias do observatório	8
Figura 2	Superfície inculta em % da Superfície Agrícola Utilizada (O.R.) e a Superfície Agrícola não Utilizada em % da Superfície Total (RGA99)	10
Figura 3	Percentagem de explorações por freguesia, segundo as classes de superfície inculta em % da Superfície Agrícola Utilizada	10
Figura 4	Percentagem de incultos segundo os tipos de exploração	11

Índice de Quadros

Quadro 1	Abandono de terras agrícolas entre 1989 e 1999 nas regiões de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes	4
Quadro 2	Evolução da Superfície Agrícola Utilizada 1989/1999 nas regiões de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes	5
Quadro 3	Evolução da área de matas e floresta sem culturas sob-cobertas, áreas de matas, florestas com culturas sob-coberto e outras formas de utilização das terras das explorações das explorações Agrícolas (1989/1999)	6
Quadro 4	Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a última parcela foi abandonada por freguesia, em %	13
Quadro 5	Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a última parcela foi abandonada por tipo de exploração, em %	13
Quadro 6	Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra, por freguesia, segundo a fertilidade, o declive e a distância à sede das parcelas incultas	15
Quadro 7	Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra segundo o grupo	

	social, a fertilidade, o declive e a distância à sede dos incultos	16
Quadro 8	Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra segundo as freguesias e os usos anteriores	17
Quadro 9	Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra segundo as freguesias e os usos anteriores	18
Quadro 10	Superfície de incultos em % da superfície total das explorações da amostra, por tempo de abandono, segundo os motivos de abandono	19
Quadro 11	Superfície de incultos em % da superfície total das explorações da amostra, segundo as perspectivas de utilização futura, por tipo de exploração	20

Abreviaturas

INE	Instituto Nacional de Estatística
IIEA	Inquérito Inculto das Explorações Agrícolas
OR	Observatório Rural
OTE	Orientação Técnico Económica
SAU	Superfície Agrícola Utilizada
UDE	Unidade de Dimensão Europeia

I. Introdução

No âmbito do Observatório das Dinâmicas e Bloqueios de Desenvolvimento das Zonas Rurais da Região Norte (O.R.) os incultos nas explorações agrícolas foram objecto de inquérito específico (IIEA - Observatório Rural). Incluíram-se nesta categoria as áreas que os agricultores consideraram como superfície agrícola não utilizada, ou seja, superfícies que foram outrora objecto de utilização agrícola, mas que se encontram actualmente sem qualquer utilização produtiva. Ficaram de fora deste universo de inquérito algumas parcelas que foram incluídas na superfície florestal, mas cujo coberto vegetal é constituído por espécies arbustivas espontâneas, seja porque a floresta que anteriormente aí existiu ardeu, seja porque o agricultor não tem memória de utilização agrícola anterior dessas áreas.

É ainda possível que tenham ficado por inquirir algumas áreas não cultivadas, que os agricultores têm dificuldade em identificar, não tendo por isso sido referidas aos inquiridores.

A amostra a que se chegou neste inquérito específico é pouco representativa. Apenas 76 explorações das 443 inquiridas declararam ter superfícies agrícolas incultas. Deste modo, os dados deverão ser tomados com

alguma precaução, sobretudo em espaços geográficos onde é menor a representatividade desta sub-amostra.

Partindo destes dados, e tendo em conta as limitações referidas, pretende-se neste documento analisar o fenómeno do abandono de terras agrícolas, em particular a sua evolução e incidência territorial e social.

Assim, numa primeira fase, pretende-se avaliar a importância e extensão territorial do fenómeno. Recorre-se, nessa altura, a informação dos dois últimos recenseamentos agrícolas, com o objectivo de complementar a informação recolhida e de testar a sua concordância com o universo global da região. De seguida, tendo em conta os diferentes grupos sociais, organização das explorações e a sua distribuição geográfica, analisa-se a evolução temporal, a relação com o território, os motivos e as perspectivas futuras relativamente às terras agrícolas incultas.

2. Importância do fenómeno

A questão dos incultos, ou abandono de terra pela agricultura, pode ser subdividida em dois tipos de fenómenos distintos: por um lado, o que resulta da cessação de actividade de algumas explorações agrícolas e, por outro, do abandono de terras no interior das explorações agrícolas, deixando inculta parte da superfície que anteriormente era cultivada. O primeiro destes factores pode ser estimado a partir da variação da superfície total das explorações agrícolas inquiridas nos recenseamentos agrícolas do Instituto Nacional de Estatística (INE). Se algumas explorações desapareceram sem sucessão ou transferência da terra para outras explorações, essa superfície deixa de ser contabilizada pelos inquiridos na superfície total das explorações agrícolas, embora possa ter sido afectada a usos alternativos. A redução da superfície total significa, pois, ou um abandono de terras agrícolas ou a sua transferência para outros usos em resultado da cessação de actividade de alguns agricultores. Designemos este tipo de abandono por “*abandono de explorações*”.

A outra categoria de abandono resulta da redução da superfície cultivada no seio de explorações agrícolas em actividade. Este aspecto é directamente avaliado nos inquiridos agrícolas através do conceito de “*superfície*”.

agrícola não utilizada”. Designemos este tipo de abandono por “abandono de Superfície Agrícola Utilizada (SAU)”.

Unidade: ha

Unidade Geográfica	Superfície Total		Sup. Agr. não Utiliz.		Abandono Expl.		Abandono SAU		Abandono Total	
	1989	1999	1989	1999	(5)=(1)-(2)		(6)=(4)-(3)		(7)=(5)+(6)	
	(1)	(2)	(3)	(4)	Área	%	Área	%	Área	%
Entre Douro e Minho	464133	374832	6418	7745	89302	19.2	1327	20.7	90629	19.5
Trás-os-Montes	646279	637104	70570	61925	9174	1.4	-8645	-12.2	530	0.1
Continente	5157213	5039569	243534	201084	117644	2.3	-42450	-17.4	75194	1.5

Fonte: INE Recenseamento Geral da Agricultura de 1989 e 1999

Quadro 1

Abandono de terras agrícolas entre 1989 e 1999 nas regiões de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes

No Quadro 1 apresentam-se estes dados para o conjunto das duas regiões agrárias estudadas, recorrendo aos Recenseamentos Gerais da Agricultura de 1989 e 1999. Pode verificar-se que, no período correspondente aos últimos dez anos, no continente português, tomado globalmente, ocorreu um abandono de terras agrícolas (ou transferência de uso) de 2.3% da área total das explorações agrícolas recenseadas em 1989. Em contrapartida a superfície agrícola não utilizada decresce de 17.4%, o que pode ser interpretado como uma redução do abandono de terra, ou das superfícies incultas, no interior das explorações agrícolas activas. Somando os dois valores, verificou-se que os dois fenómenos conjugados implicaram um abandono de 1.5% da superfície agrícola, relativamente à superfície que era cultivada em 1989.

A evolução tem porém uma acentuada diferenciação regional: na região do Entre Douro e Minho verificou-se um aumento da superfície agrícola não utilizada de 20.7% e uma redução da superfície total das explorações de 19.2%, o que implica uma taxa de abandono global de 19.5%. Pelo contrário, em Trás-os-Montes a redução de superfície resultante do abandono de explorações agrícolas é quase compensada pela redução da superfície agrícola não utilizada, o que se traduz numa variação global próxima da neutralidade.

Procuremos agora perceber esta evolução do abandono a partir das variações das grandes categorias de utilização da terra. Em ambas as regiões as culturas anuais sofreram uma redução importante, implicando uma diminuição global da superfície de terra arável limpa próxima dos 143 000 hectares no conjunto das duas regiões agrárias. Inversamente, as pastagens permanentes crescem nas duas regiões. Só relativamente às culturas permanentes o sentido de evolução separa claramente as regiões: a uma diminuição acentuada no Entre Douro e Minho, contrapõe-se um significativo aumento em Trás-os-Montes (ver Quadro 2).

Unidade Geográfica	Superfície Agrícola Utilizada (ha)				Pastagens permanentes em terra limpa (ha)		Culturas permanentes (ha)		Terra arável limpa (ha)	
	1989	1999	Variação 89/99		Variação 89/99		Variação 89/99		Variação 89/99	
			Área	%	Área	%	Área	%	Área	%
Entre Douro e Minho	289624	215675	-73949	-25.5	14700	38.7	-9631	-21.3	-71012	-39.4
Trás-os-Montes	489133	457881	-31252	-6.4	21503	27.7	14346	8.0	-71899	-31.3
Continente	3879579	3736140	-143438	-3.7	233745	62.8	-75734	-9.7	-393880	-20.8

Fonte: INE Recenseamento Geral da Agricultura de 1989 e 1999

Quadro 2

Evolução da Superfície Agrícola Utilizada 1989/1999 nas regiões de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes

No Entre Douro e Minho, região com maiores taxas de abandono, também não parece ter havido uma transferência da superfície das explorações para usos florestais, uma vez que a superfície dedicada a estes usos decresce (ver Quadro 3). Deve porém ter-se em conta que, a partir destes dados, pouco se pode inferir relativamente à evolução da superfície global dos usos florestais, uma vez que os proprietários florestais sem actividade agrícola não estão incluídos neste universo de inquérito.

Uma nota relativamente à categoria “matas e florestas com culturas sob coberto”, a qual mostra um aumento com grande expressão em Trás-os-Montes. Certamente, trata-se, sobretudo, de superfícies com castanheiro (esta superfície teve um crescimento de cerca de 11000 ha) as quais, em particular nos primeiros anos, incluem frequentemente culturas ou pastagens sob coberto.

Unidade Geográfica	Área de matas e floresta sem culturas sob-coberto (ha)				Área de matas e floresta com culturas sob-coberto (ha)				Outras formas de utilização das terras (ha)			
	1989	1999	Variação 89/99		1989	1999	Variação 89/99		1989	1999	Variação 89/99	
			Área	%			Área	%			Área	%
Entre Douro e Minho	160966	133236	-27730	-17.2	26110	18103	-8006	-30.7	7126	18176	11050	155.1
Trás-os-Montes	73494	101797	28303	38.5	3155	7952	4797	152.1	13082	15501	2419	18.5
Continente	965676	997497	31821	3.3	837238	929668	92431	11.0	68425	104848	36423	53.2

Fonte: INE Recenseamento Geral da Agricultura de 1989 e 1999

Quadro 3

Evolução da área de matas e floresta sem culturas sob-cobertas, áreas de matas, florestas com culturas sob-coberto e outras formas de utilização das terras das explorações das explorações Agrícolas (1989/1999)

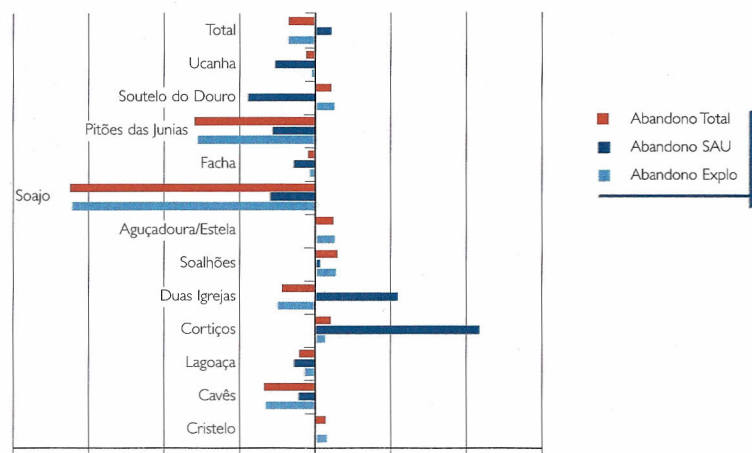
¹ A definição para fins estatísticos do conceito é a seguinte: “áreas ocupadas por edifícios, eiras, pátios, caminhos, barragens, albufeiras e ainda jardins, matas e florestas orientadas exclusivamente para fins de protecção do ambiente ou de recreio.”

Na região do Entre Douro e Minho evidencia-se uma transferência de uso para “outras superfícies”¹ com uma magnitude assinalável. Não sendo provável que este aumento se deva exclusivamente a áreas sociais ou de infra-estruturas, resta a hipótese de que tal facto resulte do crescimento de áreas dedicadas ao lazer, decorrentes sobretudo da caça e turismo rural, o que é coerente com a evolução destas actividades na região em causa.

Que concluir a partir destes indicadores globais? Ainda que seja evidente uma grande diversidade no interior de cada região agrária, aconselhando a uma análise cuidada de indicadores agregados, são possíveis, mesmo assim, algumas conclusões. Paradoxalmente, é a região com agricultura mais intensiva e com maior concentração populacional que regista indicadores mais expressivos de abandono. De facto, no Minho, com uma Margem Bruta por hectare quase 4 vezes superior à de Trás-os-Montes, o abandono é significativo, ao passo que em Trás-os-Montes se situa próximo da neutralidade.

Parecem assim desenhar-se duas situações contrastantes relativamente à evolução da agricultura e do uso da terra: Trás-os-Montes com uma evolução no sentido da extensificação, traduzida no aumento das pastagens permanentes e das culturas permanentes, mantém a superfície total das explorações aproximadamente estável. Pelo contrário, o Entre Douro e Minho, ainda que utilizando mais intensivamente a terra, não recupera pela extensificação o decréscimo da superfície agrícola utilizada o que implica taxas de abandono consideráveis. Porém, em termos gerais, existe um sentido de evolução comum às duas regiões, como de resto ao continente na sua globalidade: a produção agrícola nas suas formas mais intensivas liberta território.

Se restringirmos agora a análise às freguesias que constituíram o universo de inquérito do Observatório Rural, verificamos uma tendência coerente com as conclusões que resultaram da observação agregada das regiões. Como se mostra na Figura 1, verificou-se abandono nas freguesias de Aguçadoura/Estela, Soalhães, Cortiços e Cristelo. Em Soutelo do Douro, ainda que tivesse havido abandono total, a superfície agrícola utilizada aumentou. Pelo contrário, em Pitões das Júnias, Soajo e Cavês verificou-se uma progressão notável, tanto da SAU como da Superfície Total das explorações. As situações extremas coincidem pois com as freguesias que praticam uma agricultura mais intensiva (onde se verifica abandono) e com aquelas onde a produção é mais extensiva (nas quais o abandono se reduz).



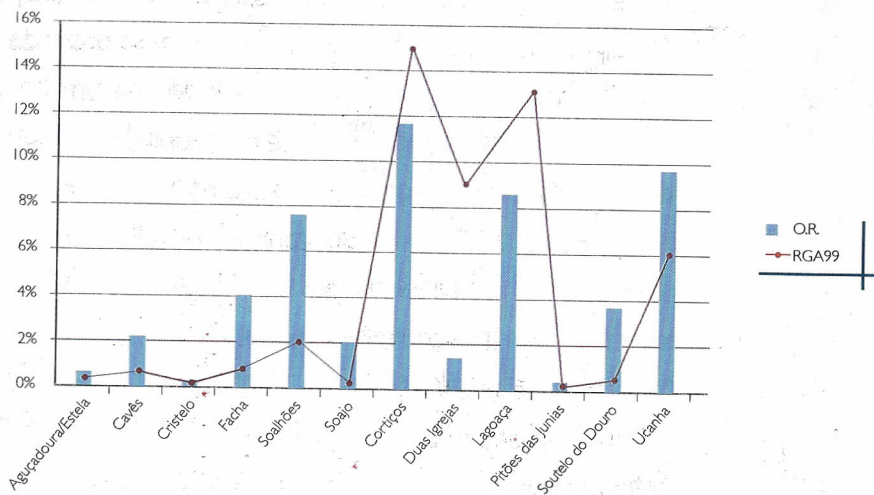
Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Figura 1

Abandono de terras agrícolas entre 1989 e 1999 nas freguesias incluídas no Observatório Rural

Os dados da amostra do observatório não permitem, contudo, uma apreciação global da extensão do fenómeno dos incultos, tal como a que anteriormente se fez a partir dos dados do INE, uma vez que se trata de uma amostragem que inclui apenas explorações activas e não de um inquérito exaustivo a todas as explorações. Assim, com base nos dados do Observatório Rural, as freguesias que surgem com maior proporção de incultos são Ucanha, Lagoaça, Cortiços, Soalhães e Facha. Pelo contrário Aguçadoura/Estela e Cristelo, a par com Pitões das Júnias, surgem agora com as menores proporções de incultos no seio das explorações inquiridas (ver Figuras 2 e 3). Esta divergência de valores deve-se, como anteriormente se explicou, à diferente natureza dos dados. Por exemplo, em Aguçadoura/Estela e Cristelo, a leitura da Figura 1 mostra um aumento do abandono total devido exclusivamente ao abandono de explorações, sendo nula a variação da superfície agrícola não utilizada. Esta constatação é coerente com os dados do observatório, os quais evidenciam uma baixa superfície de incultos nestas freguesias. De resto a proporção da superfície agrícola não utilizada segundo os dados do RGA 99 não é muito diferente dos dados do observatório (ver Figura 2).

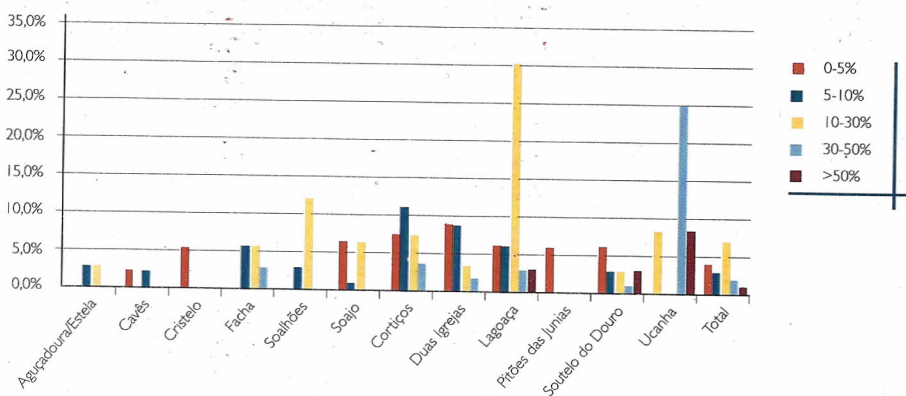
A análise que se faz de seguida refere-se, portanto, apenas às superfícies incultas no seio de explorações activas e não à globalidade dos incultos.



Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Figura 2

Superfície inculca em % da Superfície Agrícola Utilizada (O.R.) e a Superfície Agrícola não Utilizada em % da Superfície Total (RGA99)

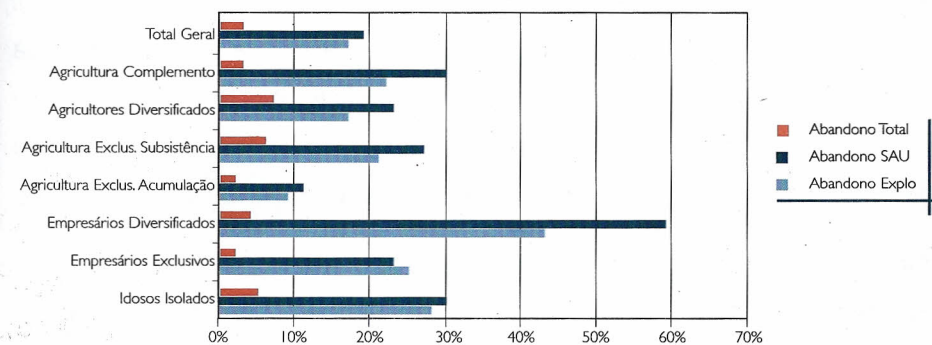


Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Figura 3

Percentagem de explorações por freguesia, segundo as classes de superfície inculca em % da Superfície Agrícola Utilizada

Segundo os dados recolhidos nos inquéritos do O.R., a superfície de incultos, na média de todas as explorações, é de cerca de 3% da superfície total das explorações e de 19% da superfície agrícola útil, sendo que 17% das explorações têm alguma superfície de incultos (ver Figura 4). Existem porém diferenças evidentes entre os tipos de explorações². Os empresários diversificados destacam-se claramente como o grupo que mantém maior proporção de incultos relativamente à superfície agrícola que utiliza. Deve, todavia, ter-se em conta que, neste caso, quase todas as explorações se situam na região do Douro, com limitações à expansão da superfície da vinha. Surgem depois as explorações de idosos isolados com maiores taxas de incultos e, no extremo oposto, as explorações de agricultores exclusivos de acumulação com menores proporções de incultos.



Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Figura 4

Percentagem de incultos segundo os tipos de exploração

² A construção de uma tipologia das explorações agrícolas inquiridas no Observatório Rural foi objecto de análise num documento específico. Apresentam-se no Anexo I os principais critérios utilizados na definição dessa tipologia.

3. Evolução temporal

Quanto à evolução temporal do abandono de terras aos incultos, parecem evidenciar-se algumas tendências de novos abandonos por oposição a abandonos mais antigos. Assim, as freguesias do Entre Douro e Minho revelam quase sempre abandonos recentes, após 1992, face a Trás-os-Montes onde a maior parte dos abandonos são antigos (ver Quadro 4). Esta tendência global pode estar sobretudo relacionada com a existência de condições de topografia do terreno mais difíceis nas freguesias de Trás-os-Montes, o que, originando condicionantes à mecanização, obrigou a dispensar do cultivo as terras mais difíceis, há já longo tempo.

Ainda que, no conjunto da região, uma proporção importante dos abandonos tenha tido lugar recentemente, são também perceptíveis algumas diferenças consoante os tipos de famílias agrícolas. Assim, os abandonos revelam uma origem temporal mais recuada sobretudo nas famílias que têm ligação com o mercado de trabalho não agrícola (ver Quadro 5).

Unidade: %

Regiões	Freguesia	Anos				Sem Incultos
		≤2	>2 a ≤8	>8 a ≤15	>15	
EDM	Aguçadoura/Estela	1.5	2.9	1.5		94.1
	Cavês			7.0		93.0
	Cristelo		2.6	2.6		94.7
	Facha	2.9	11.4			85.7
	Soalhães	3.0	12.1			84.8
	Soajo	14.9	2.1			83.0
	TM	Cortiços		14.8		14.8
	Duas Igrejas	1.8	8.8	1.8	10.5	77.2
	Lagoaça	3.0	18.2	15.2	12.1	51.5
	Pitões das Junias				5.9	94.1
	Soutelo do Douro	3.0			15.2	81.8
	Ucanha		8.3	16.7	16.7	58.3
Total		3	6	3	5	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 4

Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a última parcela foi abandonada por freguesia, em %

Unidade: %

Tipos de Exploração	Anos				Sem Incultos
	≤2	>2 a ≤8	>8 a ≤15	>15	
Idosos Isolados	4.0	12.0	5.3	8.0	70.7
Empresários Exclusivos				25.0	75.0
Empresários Diversificados		28.6	14.3		57.1
Agric. Exclus. Acumulação	2.4	2.4	1.4	2.9	90.9
Agric. Exclus. Subsistência	3.0	9.9	3.0	5.0	79.2
Agricultores Diversificados				16.7	83.3
Agricultura Complemento	6.3	6.3	3.1	6.3	78.1
Total	3	6	3	5	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 5

Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a última parcela foi abandonada por tipo de exploração, em %

4. Relação com o território

As parcelas incultas apresentam quase sempre fertilidade média ou baixa, declives moderados a acentuados e/ou distâncias consideráveis ao assento de lavoura (ver Quadro 6). Uma situação periférica ou de marginalidade acompanhou frequentemente o seu abandono. Assim, os incultos nas explorações activas, como são aquelas que fazem parte da amostra deste Observatório Rural, parecem dever-se sobretudo a razões técnicas, e menos a razões de desactivação parcial da exploração por regressão da actividade. A análise exclusivamente com base na variável distribuição geográfica pode, no entanto, mascarar algumas diferenças entre os diferentes tipos de agentes sociais responsáveis pelo uso da terra. Analisámos, por isso, também a sua distribuição em função dos tipos sociais.

Ainda que os dados não sejam muito concludentes, parecem, no entanto, evidenciarem-se nas famílias com maior ligação urbana (empresários exclusivos e agricultores diversificados) e nas explorações de idosos algumas diferenças relativamente aos restantes grupos sociais (ver Quadro 7). Assim, enquanto que nas primeiras, o abandono se mostra mais independente da aptidão da terra, pelo contrário, nas famílias exclusivamente dependentes da agricultura, essa relação é já mais evidente. Haverá, portanto, uma diferente

relação com o território consoante os grupos sociais, nomeadamente alguns processos de desactivação parcial das explorações nas famílias com menor capacidade de trabalho.

Unidade: %

Regiões	Freguesia	Fertilidade			Declive			Distância à sede (km)			
		A	B	C	Baixo	Moderado	Alto	≤ 1	>1 a ≤3	>3 a ≤5	>5
EDM	Estela/Aguçadoura	29.2	70.8		100.0			48.4		32.3	19.4
	Cavês		100.0		100.0			3.2	0.8		96.0
	Cristelo	77.0	23.0		77.0	23.0			100.0		
	Facha	64.9	35.1		14.6	85.4			100.0		
	Soalhães	29.3	49.1	21.6		100.0		48.8	51.2		
	Soajo	14.8	85.2			65.2	34.8	14.8	37.1	48.1	
TM	Cortiços	56.3	43.7		27.8	56.0	16.2		34.4	65.6	
	Duas Igrejas	2.1	40.4	57.5	47.5	52.5		19.0	46.6	20.0	14.5
	Lagoaça	1.3	75.4	23.3	5.7	76.6	17.7	6.1	57.5	14.1	22.3
	Pitões das Junias			100.0	100.0				100.0		
	Soutelo do Douro	22.2	65.9	11.8		77.0	23.0	11.8	88.2		
	Ucarha		76.9	23.1	57.0	43.0		19.9	61.4		18.7
Total		12.92	58.45	28.63	34.00	56.77	9.23	11.86	48.93	21.27	17.94

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 6

Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra, por freguesia, segundo a fertilidade, o declive e a distância à sede das parcelas incultas

Unidade: %

Tipo de Explorações	Fertilidade			Declive			Distância à sede (km)			
	A	B	C	Baixo	Moderado	Alto	≤ 1	>1-3	>3-5	>5
Idosos Isolados	9.8	74.3	15.8	1.3	43.6	55.0	9.3	46.2	38.7	5.8
Empresários Exclusivos	32.8	67.2		32.8		67.2		100		
Empresários Diversificados	13.1	86.9			78.8	21.2	8.0	13.1		78.8
Agric. Excl. Acumulação	15.0	52.6	32.5	8.4	19.3	72.3	24.6	54.7	20.8	
Agric. Excl. Subsistência	0.3	51.3	48.5	6.3	47.0	46.7	3.6	48.0	23.4	24.9
Agricultores Diversificados	38.4		61.6	61.6		38.4		38.4	61.6	
Agricultura Complemento		43.7	56.3	1.8	41.5	56.7	3.9	70.7		25.4
Total	12.92	58.45	28.63	9.23	34.00	56.77	11.86	48.93	21.27	17.94

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 7

Superfície de incultos em % da superfície total de incultos por tipos de exploração segundo a fertilidade, o declive e a distância à sede dos incultos

Estas tendências poderão ficar aclaradas se tivermos em conta os usos anteriores. Na maioria das situações, os incultos tiveram origem, em terrenos anteriormente utilizados com culturas anuais (terra arável). Surgem, porém alguns casos particulares, como seja Soutelo do Douro eucanha (ver Quadro 8), onde os incultos tiveram sobretudo origem nas culturas permanentes e "outros usos". Esta última situação deverá corresponder a terrenos impróprios para o uso agrícola ou a superfícies destruídas pelo fogo.

Unidade: %

Regiões	Freguesia	Terra Arável	Cult. Sob Coberto	Cultura Permanente	Pastagem Permanente	Outras
EDM	Estela/Aguçadoura	56.1				43.9
	Cavês	100.0				
	Cristelo	100.0				
	Facha	100.0				
	Soalhães	100.0				
	Soajo	100.0				
TM	Cortiços	85.8	14.2			
	Duas Igrejas	63.1		8.2		28.7
	Lagoaça	98.5		1.5		
	Pitões das Junias	100.0				
	Soutelo do Douro	11.8		35.7		52.5
	Ucanha	23.1		28.2	18.7	30.0
Total		77.36	2.13	6.25	0.19	14.08

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 8

Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra segundo os usos anteriores por freguesias.

Se tivermos em conta os tipos de exploração (ver Quadro 9) surgem também algumas oposições claras entre, por exemplo, os empresários exclusivos, onde nenhum inculto era anteriormente utilizado com culturas anuais, face aos idosos isolados, nos quais os incultos tinham maioritariamente um uso agrícola anual anterior. Estes dados vêm reforçar a conclusão, que atrás se tinha esboçado, sobre a existência de uma desativação parcial das explorações no grupo social dos idosos.

Unidade: %

Tipo de exploração	Terra Arável	Cult. Sob Coberto	Cultura Permanente	Pastagem Permanente	Outras
Idosos Isolados	80.5		0.8		18.7
Empresários Exclusivos			32.8		67.2
Empresários Diversificados	100.0				
Agric. Exclus. Acumulação	92.7		5.0		2.3
Agric. Exclus. Subsistência	66.7		27.5	2.2	3.6
Agricultores Diversificados	61.6	38.4			
Agricultura Complemento	58.3		0.8		40.9
Total	77.36	2.13	6.25	0.19	14.08

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 9

Superfície de incultos em % da superfície total de incultos das explorações da amostra segundo as freguesias e os usos anteriores

5. Motivos do abandono e perspectivas de utilização futura

Os motivos que levaram ao abandono das terras parecem ter evoluído ao longo do tempo. Assim, nos abandonos mais antigos, motivações de ordem técnica, relacionadas com a baixa produtividade das terras, tinham um carácter claramente predominante. Depois, a partir de meados dos anos 1980, a escassez de mão-de-obra passa a ser apontada como uma das principais razões e, mais recentemente, voltam a ganhar maior peso as razões de ordem técnica, como sejam a distância das parcelas e as dificuldades de mecanização (ver Quadro 10).

Unidade: %

Anos	Baixa	Mecanização Produtividade	Mão de Obra	Distância	Outros
≤ 2	17.0	19.5	3.8	36.8	22.9
>2 a ≤ 8	58.1		20.4	1.1	20.3
>8 a ≤ 15	22.4		37.6	25.3	14.6
>15	78.2		6.2	4.6	10.9
Total	55.76	1.37	17.15	10.25	15.47

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro 10

Superfície de incultos em % da superfície total das explorações da amostra, por tempo de abandono, segundo os motivos de abandono.

Quanto às perspectivas de mobilização produtiva das terras, em cerca de metade das situações os agricultores não prevêem dar outra utilização a essas parcelas. Porém, também aqui, surgem perspectivas marcadamente distintas consoante os grupos sociais. Assim, no grupo dos idosos as intenções de utilização agrícola futura são praticamente nulas, sendo também muito baixas nos agricultores exclusivos. Já no grupo dos empresários a situação é inversa, perspectivando-se uma utilização agrícola ou florestal no futuro e nunca a manutenção sob a forma de incultos (ver Quadro 11).

Unidade: %

Tipo de exploração	Agrícola	Florestal	Inculto
Idosos Isolados	1.5	53.3	45.2
Empresários Exclusivos	67.2	32.8	
Empresários Diversificados	92.0	8.0	
Agricultura Excl. Acumulação	15.0	18.8	66.1
Agricultura Excl. Subsistência	15.5	8.8	75.7
Agricultores Diversificados	38.4		61.6
Agricultura Complemento	25.4	19.3	55.4
Total	24.41	25.62	49.96

Fonte: IEA - Observatório Rural 2002

Quadro 11

Superfície de incultos em % da superfície total das explorações da amostra, segundo as perspectivas de utilização futura, por tipo de exploração

Conclusão

A questão dos incultos ou abandono de terra pela agricultura, ou, de forma mais geral, as questões de uso da terra, necessitam, para ser analisadas em toda a sua dimensão, de informação de base territorial. Informação sectorial, como é a que agora analisamos, permite uma análise apenas parcial do fenómeno. Recorreu-se por isso, noutra fase do observatório, a uma metodologia distinta de recolha de informação, sustentada simultaneamente na análise do território e dos processos sociais.

Centrando, por agora, a análise nos incultos agrícolas, subdividiu-se a questão em dois tipos de fenómenos distintos: por um lado, o que resulta da cessação de actividade de algumas explorações agrícolas e, por outro, do abandono de terras no interior das explorações agrícolas, deixando inculta parte da superfície que anteriormente era cultivada.

O primeiro destes fenómenos não pode ser avaliado pelos dados do Observatório Rural, uma vez que o seu universo de inquérito foi o das explorações agrícolas activas. Complementou-se, por isso, a informação com os dados dos dois últimos inquéritos estruturais do INE à agricultura. Com base nestes dados, verificou-se que a evolução dos incultos teve uma

acentuada diferenciação regional no período dos últimos dez anos: na região do Entre Douro e Minho verificou-se um aumento da superfície agrícola não utilizada de 20.7% e uma redução da superfície total das explorações de 19.2%, o que implica uma taxa de abandono global de 19.5%. Pelo contrário, em Trás-os-Montes a redução de superfície resultante do abandono de explorações agrícolas é quase compensada pela redução da superfície agrícola não utilizada, o que se traduz numa variação global próxima de zero.

Esta diferenciação das regiões explica-se por uma evolução no sentido da extensificação em Trás-os-Montes, traduzida no aumento das pastagens permanentes e das culturas permanentes. Pelo contrário, o Entre Douro e Minho, ainda que utilizando mais intensivamente a terra, não recupera pela extensificação o decréscimo da superfície agrícola utilizada o que implica taxas de abandono consideráveis. Porém, em termos gerais existe um sentido de evolução comum às duas regiões, como de resto ao continente na sua globalidade: a produção agrícola nas suas formas mais intensivas liberta território, implicando uma diminuição global da superfície de terra arável limpa próxima dos 143 000 hectares no conjunto das duas regiões agrárias.

A informação recolhida no Observatório permitiu, por outro lado, analisar a evolução dos incultos no seio das explorações agrícolas activas. Verificou-se, com base nesses dados, que são as freguesias de Ucanha, Lagoaça, Cortiços, Soalhães e Facha que apresentam maior proporção de incultos. Pelo contrário, Estela/Aguçadoura e Cristelo, a par com Pitões das Júnias, surgem com as menores proporções de incultos no seio das explorações inquiridas.

Concluiu-se também que nas freguesias do Entre Douro e Minho os abandonos são mais recentes, por oposição a Trás-os-Montes onde a maior parte dos abandonos são antigos. Esta tendência global pode estar sobretudo relacionada com a existência de condições de topografia do terreno mais difíceis nas freguesias de Trás-os-Montes, o que, originando condicionantes à mecanização, obrigou, há já muito tempo, a dispensar do cultivo as terras mais difíceis.

As parcelas incultas apresentam quase sempre fertilidade média ou baixa, declives moderados a acentuados e/ou distâncias consideráveis ao assento de lavoura. Ou seja, uma situação periférica ou de marginalidade acompanha frequentemente o abandono da terra. Existe, porém, uma diferente relação com o território consoante os grupos sociais. Assim, nas famílias com menor capacidade de trabalho, sobretudo nos idosos, surgem alguns incultos que não foram determinados pela baixa aptidão produtiva da terra, o que indicia processos de desactivação parcial das explorações, ainda que pouco expressivos.

Quanto às perspectivas de mobilização produtiva das terras, em cerca de metade das situações os agricultores não prevêem dar outra utilização a essas parcelas. Porém, também aqui, surgem perspectivas marcadamente distintas consoante os grupos sociais. Assim, no grupo dos idosos as intenções de utilização agrícola futura são praticamente nulas, sendo também muito baixas nos agricultores exclusivos. Já no grupo dos empresários a situação é inversa, perspectivando-se uma utilização agrícola ou florestal no futuro e nunca a manutenção sob a forma de incultos.

Em termos gerais podemos concluir que os incultos se devem sobretudo à cessão de actividade de explorações agrícolas. Nas explorações activas,

as superfícies agrícolas não utilizadas são muito pouco expressivas e, quando existem, devem-se mais frequentemente a motivações de ordem técnica. Ou seja, são factores como a baixa fertilidade das terras, o seu elevado declive ou distância ao assento de lavoura que determinam o seu abandono, sendo muito pouco representativas as razões relacionadas com a redução da actividade da exploração.

Bibliografia

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, INE, (2001) – Recenseamento Geral de Agricultura. Lisboa: INE, 1999

Anexo I

A tipologia das explorações agrícolas

A tipologia das explorações agrícolas

Para a definição da tipologia das explorações agrícolas, tomaram-se cinco variáveis ou combinações de variáveis: “idade” e “dimensão do agregado familiar”; “tipo de trabalho agrícola”; “afecção do tempo de trabalho do chefe de família entre actividades agrícolas e não agrícolas”; “dimensão económica da exploração agrícola”; e “formação do rendimento familiar” (ver Figura A.1.).

Definiram-se assim sete tipos: um primeiro (1 – *Idosos Isolados*) separa as famílias já em fase final do ciclo de vida, cuja capacidade de trabalho é diminuta uma vez que o agregado doméstico é constituído apenas por um casal ou um pessoa isolada, já idosos, sem filhos, ou cujos filhos já partiram. Pertencem a este grupo as famílias cujo chefe tem 65 anos ou mais e nas quais o agregado familiar não tem mais que 2 membros. Depois, com base no tipo de trabalho utilizado na exploração agrícola, distinguiram-se as famílias com explorações agrícolas nas quais a separação entre trabalho e capital é mais evidente, ou seja, as explorações patronais na designação do INE. Incluíram-se neste grupo as famílias cuja exploração agrícola cobre mais de 50% das suas necessidades de mão-de-obra com base em trabalho assalariado. Dentro deste grupo definiram-se dois tipos, consoante o chefe de exploração se dedica a uma actividade não agrícola ou não: (2 – *Empresários exclusivos*) – o chefe de exploração mantém uma actividade exclusivamente agrícola; e (3 – *Empresários diversificados*) – o chefe de exploração tem uma actividade exterior à agricultura. Nas explorações não patronais, utilizando a mesma variável, distinguiu-se entre agricultores

exclusivos (o chefe de exploração tem uma actividade exclusivamente agrícola) e agricultores não exclusivos (o chefe conjuga uma actividade na exploração agrícola com uma actividade remunerada exterior). Tomando em consideração a dimensão económica da exploração agrícola, no primeiro destes subgrupos definiram-se dois tipos: (4 – *agricultores exclusivos de acumulação*), quando a dimensão da exploração é superior a (4 UDEs e 5 – *agricultores exclusivos de subsistência*) quando a dimensão económica é menor ou igual a 4 UDEs. Nos agricultores não exclusivos definiram-se igualmente dois tipos, consoante o rendimento da família obtido na exploração agrícola é superior ao exterior (6 – *agricultores diversificados*) ou, pelo contrário, o rendimento exterior supera o agrícola (7 – *agricultura de complemento*).

Tipologia dos modos de vida das famílias com ligação agrícola

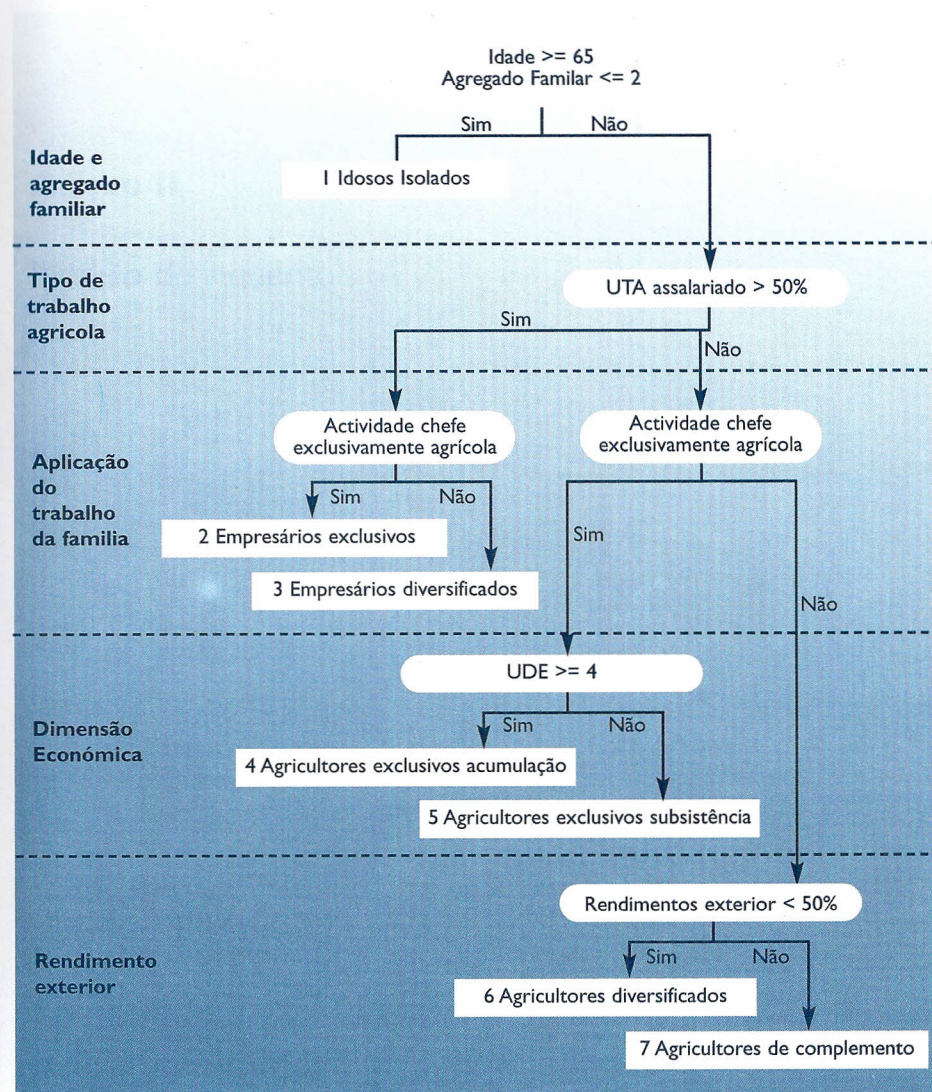


Figura A. 1.

Tipologia dos modos de vida das famílias com ligação agrícola

Anexo II

Modelo de inquérito

Código _____
 DATA _____
 N.º DA EXPLORAÇÃO _____

INQUIRIDOR _____

3. INCULTOS

A sua exploração dispõe de terras que não estejam a ser cultivadas?
 (Em caso afirmativo especificar as parcelas ou grupos de parcelas homogêneas de parcelas)

3000 Sim Não

Designação da Parcela (sempre que possível identificar a cultura abandonada)	Dimensão (m²)		Usos Anteriores	Tempo de abandono (anos)	Tipo de terra	Distância à sede (km)	Previsão de outros usos	Subsídios recebidos	Motivos do Abandono
	1	2							
3001									
3002									
3003									
3004									
3005									
3006									
3007									
3008									
3009									
3010									
3011									
3012									
3013									
3014									
3015									
3016									
3017									
3018									
3019									
3020									

- USOS ANTERIORES**
- 1 Terra arável / Viveiro
 - 2 Culturas permanentes
 - 3 Culturas temporárias
 - 4 Culturas sob-coberto de mato e forragem
 - 5 Matas e florestas
 - 6 Outros

- TIPO DE TERRA**
- A Cultivada através
 - B Pastagem verde
 - C Pastagem seca
 - D Povoado (sem prado)
 - E Povoado (com prado)
 - F Povoado (com prado e matorral)
 - G Povoado (com prado e matorral)
 - H Povoado (com prado e matorral)
 - I Povoado (com prado e matorral)
 - J Povoado (com prado e matorral)
 - K Povoado (com prado e matorral)
 - L Povoado (com prado e matorral)
 - M Povoado (com prado e matorral)
 - N Povoado (com prado e matorral)
 - O Povoado (com prado e matorral)
 - P Povoado (com prado e matorral)
 - Q Povoado (com prado e matorral)
 - R Povoado (com prado e matorral)
 - S Povoado (com prado e matorral)
 - T Povoado (com prado e matorral)
 - U Povoado (com prado e matorral)
 - V Povoado (com prado e matorral)
 - W Povoado (com prado e matorral)
 - X Povoado (com prado e matorral)
 - Y Povoado (com prado e matorral)
 - Z Povoado (com prado e matorral)

- PREVISÃO OUTROS USOS**
- 1 Agricultura
 - 2 Pastagem
 - 3 Pastagem
 - 4 Pastagem
 - 5 Pastagem
 - 6 Pastagem
 - 7 Pastagem
 - 8 Pastagem
 - 9 Pastagem
 - 10 Pastagem
 - 11 Pastagem
 - 12 Pastagem
 - 13 Pastagem
 - 14 Pastagem
 - 15 Pastagem
 - 16 Pastagem
 - 17 Pastagem
 - 18 Pastagem
 - 19 Pastagem
 - 20 Pastagem

- MOTIVOS DO ABANDONO**
- 1 Falta de disponibilidade de mão-de-obra
 - 2 Impedimentos de mercado
 - 3 Falta de recursos financeiros
 - 4 Falta de conhecimentos técnicos
 - 5 Falta de conhecimentos técnicos
 - 6 Falta de conhecimentos técnicos
 - 7 Falta de conhecimentos técnicos
 - 8 Falta de conhecimentos técnicos
 - 9 Falta de conhecimentos técnicos
 - 10 Falta de conhecimentos técnicos
 - 11 Falta de conhecimentos técnicos
 - 12 Falta de conhecimentos técnicos
 - 13 Falta de conhecimentos técnicos
 - 14 Falta de conhecimentos técnicos
 - 15 Falta de conhecimentos técnicos
 - 16 Falta de conhecimentos técnicos
 - 17 Falta de conhecimentos técnicos
 - 18 Falta de conhecimentos técnicos
 - 19 Falta de conhecimentos técnicos
 - 20 Falta de conhecimentos técnicos

Anexo III

Quadros de apoio ao texto

Unidade: %

Regiões	Freguesia	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
EDM	Estela/Aguçadoura	94.1			2.9	2.9	
	Cavês	95.3	2.3		2.3		
	Cristelo	94.7	5.3				
	Facha	85.7			5.7	5.7	2.9
	Soalhães	84.8		3.0		12.1	
	Soajo	83.0	6.4	4.3			6.4
TM	Cortiços	70.4		7.4	11.1	7.4	3.7
	Duas Igrejas	77.2	8.8	8.8	3.5	1.8	
	Lagoaça	51.5	6.1	6.1	30.3	3.0	3.0
	Pitões das Junias	94.1	5.9				
	Soutelo do Douro	81.8	6.1	3.0	3.0	3.0	3.0
	Ucanha	58.3	8.3		25.0		8.3
Total		83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.1

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por freguesia

Unidade: %

Tipo de exploração	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
Idosos Isolados	72.0	2.7	5.3	14.7	2.7	2.7
Empresários Exclusivos	75.0	12.5		12.5		
Empresários Diversificados	57.1	14.3	14.3	14.3		
Agric. Excl. Acumulação	90.9	2.4	1.4	4.8	0.5	
Agric. Excl. Subsistência	79.2	4.0	4.0	5.9	5.0	2.0
Agricultores Diversificados	83.3	8.3			8.3	
Agricultura Complemento	78.1	9.4	3.1	6.3		3.1
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.2

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por tipo de exploração

Unidade: %

Idade	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
18-25	100.0					
26-35	89.7	3.4			3.4	3.4
36-45	88.8	5.0	2.5	2.5	1.3	
46-55	88.5	4.4	0.9	4.4	1.8	
56-65	79.5	4.3	3.4	9.4	1.7	1.7
66-75	75.9	1.3	7.6	10.1	3.8	1.3
>75	68.2	4.5		22.7		4.5
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.3

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por idade dos produtores

Unidade: %

Nível Instrução	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
N/ sabe ler n/ escrever	84.6	2.6		7.7	2.6	2.6
Sabe ler e escrever	76.2	4.8	6.3	7.9	3.2	1.6
1º ciclo ou 4ª classe	84.9	3.1	3.1	6.6	1.6	0.8
2º ciclo ou 6º ano	82.8	3.4	1.7	6.9	3.4	1.7
3º ciclo ou 9º ano	100.0					
Secundário agrícola	50.0	50.0				
Secundário n/ agrícola	66.7	33.3				
Superior agrícola	50.0			50.0		
Superior n/ agrícola	75.0	12.5		12.5		
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.4

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por nível de instrução dos produtores

Unidade: %

Anos de actividade	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
<5 anos	92.3			3.8		3.8
10-15 anos	87.8	6.1	4.1	2.0		
15-20 anos	92.0	4.0		4.0		
5-10 anos	75.0	15.0		5.0	5.0	
>20 anos	80.5	3.0	3.7	8.7	2.7	1.3
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.5

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração e anos de actividade na exploração agrícola dos produtores

Unidade: %

N.º de elementos do agregado familiar	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
1	68.8	6.3	6.3	18.8		
2	76.6	4.1	3.5	10.5	2.3	2.9
3	88.9	2.5	3.7	3.7	1.2	
4	87.5	4.2	2.1	4.2	2.1	
5	87.5	3.6	1.8	3.6	3.6	
6	100.0					
8	66.7			33.3		
7	100					
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.6

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por nº de elementos do agregado familiar

Unidade: %

Classes de SAU	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
<1ha	82.1	2.6		2.6	7.7	5.1
≥ 1 < 2ha	88.8	3.8		6.3		1.3
≥ 2 < 5ha	83.9	2.2	2.2	8.0	2.9	0.7
≥ 5 < 10ha	82.4	2.7	5.4	8.1	1.4	
≥ 10 < 20ha	81.0	3.4	5.2	6.9	1.7	1.7
≥ 20 < 50ha	73.9	10.9	6	8.7		
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.7

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por classes de SAU

Unidade: %

OTE's	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
Agricultura geral e herbívoros	89.8	2.0	2.0	6.1		
Bovinicultura com orientação de criação e carne	88.9		11.1			
Bovinicultura com orientação leite	89.7	6.9			3.4	
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas	100.0					
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas	100.0					
Culturas agrícolas diversas	85.4	4.9		7.3	2.4	
Culturas permanentes diversas combinadas	57.1	3.6	3.6	32.1		3.6
Diversas combinações de culturas com criação	85.4	4.9	7.3	2.4		
Fruticultura e citricultura	66.7	22.2		11.1		
Herbívoros sem actividade dominante	100.0					
Horticultura	93.8			3.1	3.1	
Olivicultura	61.1		5.6	16.7	16.7	
Policultura	82.4	4.1	4.1	5.4	1.4	2.7
Polipequária com orientação para herbívoros	72.2	5.6	11.1	11.1		
Viticultura	79.2	6.3	2.1	6.3	2.1	4.2
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.8

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por Orientação Técnico Económica

Unidade: %

Classes de UDE's	0	0-5%	5-10%	10-30%	30-50%	>50%
0-2	68.2	3.0	3.0	16.7	3.0	6.1
2-4	81.3	4.2	4.2	5.2	5.2	
4-8	82.6	2.5	4.1	8.3	1.7	0.8
8-16	90.2	3.3	2.2	4.3		
16-40	92.9	4.8		2.4		
40-100	91.3	8.7				
>100	66.7	33.3				
Total	83	4	3	7	2	1

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.9

Explorações que declararam incultos segundo a percentagem da superfície inculta relativamente à superfície total da exploração por Classes de Dimensão Económica Europeia

Unidade: %

Região	Freguesia	≤2	>2 a <8	>8 a ≤15	>15	Sem incultos
EDM	Estela/Aguçadoura	1.5	2.9		1.5	94.1
	Cavês			7.0		93.0
	Cristelo		2.6	2.6		94.7
	Facha	2.9	11.4			85.7
	Soalhães	3.0	12.1			84.8
	Soajo	12.8	2.1	2.1		83.0
TM	Cortiços		14.8		14.8	70.4
	Duas Igrejas		7.0	3.5	12.3	77.2
	Lagoaça		15.2	6.1	27.3	51.5
	Pitões das Júnias				5.9	94.1
	Soutelo do Douro	3.0			15.2	81.8
	Ucanha		8.3	16.7	16.7	58.3
Total		2	6	2	7	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.10

Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a primeira parcela foi abandonada por freguesia

Unidade: %

Tipo de exploração	≤2	>2 a ≤8	>8 a ≤15	>15	Sem incultos
Idosos Isolados	2.7	10.7	4.0	12.0	70.7
Empresários Exclusivos				25.0	75.0
Empresários Diversificados		28.6	14.3		57.1
Agric. Excl. Acumulação	1.9	2.4	1.0	3.8	90.9
Agric. Excl. Subsistência	2.0	9.9	3.0	5.9	79.2
Agricultores Diversificados				16.7	83.3
Agricultura Complemento	6.3	3.1	6.3	6.3	78.1
Total	2	6	2	7	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.11

Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a primeira parcela foi abandonada por tipo de exploração

Unidade: %

OTE's	Anos				Sem Incultos
	≤2	>2 a ≤8	>8 a ≤15	>15	
Agricultura geral e herbívoros	6.1			4.1	89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne		11.1			88.9
Bovinicultura com orientação leite		6.9	3.4		89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas					100.0
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas					100.0
Culturas agrícolas diversas		12.2	2.4		85.4
Culturas permanentes diversas combinadas		17.9	3.6	21.4	57.1
Diversas combinações de culturas com criação	4.9		2.4	7.3	85.4
Fruticultura e citricultura		11.1	11.1	11.1	66.7
Herbívoros sem actividade dominante					100.0
Horticultura	1.6	3.1		1.6	93.8
Olivicultura		22.2		16.7	61.1
Policultura		5.4	4.1	8.1	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros	16.7			11.1	72.2
Viticultura	2.1	4.2	6.3	10.4	77.1
Total	2	6	2	7	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.12

Explorações que declararam incultos segundo o nº de anos em que a primeira parcela foi abandonada por OTEs

Unidade: %

OTE's	Terra ável	Cult sob coberto	Cult. perma.	Pastag. perma.	Outras	Sem incult.
Agricultura geral e herbívoros	10.2					89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne	11.1					88.9
Bovinicultura com orientação leite	10.3					89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas						100
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas						100
Culturas agrícolas diversas	12.2				2.4	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	35.7				3.6	60.7
Diversas combinações de culturas com criação	14.6					85.4
Fruticultura e citricultura	11.1		11.1	11.1		66.7
Herbívoros sem actividade dominante						100
Horticultura	4.7				1.6	93.8
Olivicultura	33.3	5.6				61.1
Policultura	12.2		4.1		1.4	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros	22.2		5.6			72.2
Viticultura	12.5		6.3		4.2	77.1
Total	13	0	2	0	1	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.13

Explorações que declararam incultos segundo os usos anteriores por OTEs

Unidade: %

Tipos de exploração	Terra árvavel	Cult sob coberto	Cult. perma.	Pastag. perma.	Outras	Sem incult.
Idosos Isolados	26.7		1.3		1.3	70.7
Empresários Exclusivos			12.5		12.5	75.0
Empresários Diversificados	42.9					57.1
Agric. Excl. Acumulação	7.2		1.0		1.0	90.9
Agric. Excl. Subsistência	14.9		3.0	1.0	1.0	80.2
Agricultores Diversificados	8.3	8.3				83.3
Agricultura Complemento	15.6		3.1		3.1	78.1
Total	13	0	2	0	1	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.14

Explorações que declararam inultos segundo os usos anteriores por tipo

Unidade: %

Região	Freguesia	Terra árvavel	Cult sob coberto	Cult. perma.	Pastag. perma.	Outras	Sem incult.
EDM	Estela/Aguçadoura	4.4				1.5	94.1
	Cavês	7.0					93.0
	Cristelo	5.3					94.7
	Facha	14.3					85.7
	Soalhães	15.2					84.8
	Soajo	17.0					83.0
	TM	Cortiços	25.9	3.7			
Duas Igrejas		15.8		3.5		3.5	77.2
Lagoaça		42.4		3.0			54.5
Pitões das Junias		5.9					94.1
Soutelo do Douro		3.0		9.1		6.1	81.8
Ucanha		8.3		16.7	8.3	8.3	58.3
Total		13	0	2	0	1	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.15

Explorações que declararam inultos segundo os usos anteriores por freguesia

Unidade: %

OTE's	Tipo de Fertilidade			Sem Incultos
	A	B	C	
Agricultura geral e herbívoros		6.1	4.1	89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne			11.1	88.9
Bovinicultura com orientação leite		3.4	6.9	89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas				100.0
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas				100.0
Culturas agrícolas diversas		9.8	4.9	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	7.1	25.0	10.7	57.1
Diversas combinações de culturas com criação		9.8	4.9	85.4
Fruticultura e citricultura	11.1	22.2		66.7
Herbívoros sem actividade dominante				100.0
Horticultura		1.6	4.7	93.8
Olivicultura	16.7	16.7	5.6	61.1
Policultura	4.1	9.5	4.1	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros		22.2	5.6	72.2
Viticultura	4.2	16.7	2.1	77.1
Total	2	10	5	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.16

Explorações que declararam inultos segundo a fertilidade das terras inultas por OTE's

Unidade: %

OTE's	Declive da terra			Sem Incultos
	Alto	Baixo	Moderado	
Agricultura geral e herbívoros			10.2	89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne			11.1	88.9
Bovinicultura com orientação leite		6.9	3.4	89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas				100.0
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas				100.0
Culturas agrícolas diversas		2.4	12.2	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	3.6	10.7	28.6	57.1
Diversas combinações de culturas com criação	2.4	2.4	9.8	85.4
Fruticultura e citricultura		22.2	11.1	66.7
Herbívoros sem actividade dominante				100.0
Horticultura		6.3		93.8
Olivicultura		5.6	33.3	61.1
Policultura	2.7	8.1	6.8	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros	11.1	11.1	5.6	72.2
Viticultura	4.2	8.3	10.4	77.1
Total	2	6	9	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.17

Explorações que declararam incultos segundo o declive das terras incultas e as OTEs

Unidade: %

OTE's	Distância (Km)				Sem Incultos
	≤1	>1 a ≤3	>3 a ≤5	>5	
Agricultura geral e herbívoros	4.1	2.0	4.1		89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne		11.1			88.9
Bovinicultura com orientação leite		6.9			93.1
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas					100.0
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas					100.0
Culturas agrícolas diversas	2.4	9.8		2.4	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	3.6	28.6	3.6	7.1	57.1
Diversas combinações de culturas com criação		7.3	7.3		85.4
Fruticultura e citricultura	11.1	11.1		11.1	66.7
Herbívoros sem actividade dominante					100.0
Horticultura	1.6		1.6	1.6	95.3
Olivicultura	5.6	27.8	5.6		61.1
Policultura	5.4	8.1	2.7	1.4	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros		11.1	11.1	5.6	72.2
Viticultura	4.2	16.7		2.1	77.1
Total	3	9	3	2	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.18

Explorações que declararam incultos segundo a distância à sede das terras incultas por OTEs

Unidade: %

OTE's	Agrícola	Florestal	Inculto	Sem incultos
Agricultura geral e herbívoros	4.1	4.1	2.0	89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne			11.1	88.9
Bovinicultura com orientação leite	6.9		3.4	89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas				100.0
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas				100.0
Culturas agrícolas diversas	2.4	7.3	4.9	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	3.6	3.6	35.7	57.1
Diversas combinações de culturas com criação		7.3	7.3	85.4
Fruticultura e citricultura	22.2		11.1	66.7
Herbívoros sem actividade dominante				100.0
Horticultura	4.7		1.6	93.8
Olivicultura	5.6	11.1	22.2	61.1
Policultura	2.7	2.7	12.2	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros		5.6	22.2	72.2
Viticultura	14.6	6.3	2.1	77.1
Total	5	4	9	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.19

Explorações que declararam incultos segundo a previsão de uso das terras incultas por OTEs

Unidade: %

Região	Freguesias	Agrícola	Florestal	Inculto	Sem incultos
EDM	Estela/Aguçadoura	4.4		1.5	94.1
	Cavês	4.7	2.3		93.0
	Cristelo	2.6		2.6	94.7
	Facha	11.4	2.9		85.7
	Soalhães	3.0	12.1		84.8
	Soajo			17.0	83.0
TM	Cortiços	7.4		22.2	70.4
	Duas Igrejas	3.5	7.0	12.3	77.2
	Lagoaça	3.0	12.1	33.3	51.5
	Pitões das Junias		5.9		94.1
	Soutelo do Douro	9.1	6.1	3.0	81.8
	Ucanha	16.7		25.0	58.3
Total	5	4	9	83	

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.20

Explorações que declararam incultos segundo a previsão de uso das terras incultas por freguesia

Unidade: %

OTE's	Não	Sim	Sem incultos
Agricultura geral e herbívoros	8.2	2.0	89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne	11.1		88.9
Bovinicultura com orientação leite	10.3		89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas			100
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas			100
Culturas agrícolas diversas	12.2	2.4	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	25.0	17.9	57.1
Diversas combinações de culturas com criação	9.8	4.9	85.4
Fruticultura e citricultura	33.3		66.7
Herbívoros sem actividade dominante			100
Horticultura	6.3		93.8
Olivicultura	38.9		61.1
Policultura	14.9	2.7	82.4
Polípecuária com orientação para herbívoros	11.1	16.7	72.2
Viticultura	14.6	8.3	77.1
Total	13	4	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.21

Explorações que declararam incultos segundo o recebimento de ajudas nas terras incultas por OTEs

Unidade: %

Tipo de exploração	Não	Sim	Sem incultos
Idosos Isolados	22.7	6.7	70.7
Empresários Exclusivos	12.5	12.5	75.0
Empresários Diversificados	42.9		57.1
Agric. Excl. Acumulação	6.3	2.9	90.9
Agric. Excl. Subsistência	15.8	5.0	79.2
Agricultores Diversificados	16.7		83.3
Agricultura Complemento	18.8	3.1	78.1
Total	13	4	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.22

Explorações que declararam incultos segundo o recebimento de ajudas nas terras incultas por exploração

Unidade: %

Região	Freguesia	Não	Sim	Sem incultos
EDM	Estela/Aguçadoura	5.9		94.1
	Cavês	7.0		93.0
	Cristelo	5.3		94.7
	Facha	11.4	2.9	85.7
	Soalhães	15.2		84.8
	Soajo	12.8	4.3	83.0
TM	Cortiços	25.9	3.7	70.4
	Duas Igrejas	14.0	8.8	77.2
	Lagoaça	33.3	15.2	51.5
	Pitões das Junias	5.9		94.1
	Soutelo do Douro	9.1	9.1	81.8
	Ucanha	33.3	8.3	58.3
	Total	13	4	83

Fonte: IIEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.23

Explorações que declararam incultos segundo o recebimento de ajudas nas terras incultas por freguesia

Unidade: %

OTE's	Terra ável	Cult sob coberto	Cult. perma.	Pastag. perma.	Outras	Sem incult.
Agricultura geral e herbívoros	6.1			2.0	2.0	89.8
Bovinicultura com orientação de criação e carne	11.1					88.9
Bovinicultura com orientação leite					10.3	89.7
Bovinicultura com orientação leite, criação e carne combinadas						100.0
Cerealicultura, plantas oleaginosas e proteaginosas						100.0
Culturas agrícolas diversas	9.8			2.4	2.4	85.4
Culturas permanentes diversas combinadas	21.4		3.6	7.1	10.7	57.1
Diversas combinações de culturas com criação	7.3	2.4	2.4		2.4	85.4
Fruticultura e citricultura			11.1	11.1	11.1	66.7
Herbívoros sem actividade dominante						100.0
Horticultura	1.6		3.1		1.6	93.8
Olivicultura	11.1		22.2		5.6	61.1
Policultura	10.8	1.4	4.1		1.4	82.4
Polipequária com orientação para herbívoros	5.6	11.1		11.1		72.2
Viticultura	4.2		10.4	2.1	6.3	77.1
Total	7	1	4	2	4	83

Fonte: IEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.24

Explorações que declararam inculcos segundo o motivo de abandono das terras inculcas por OTEs

Unidade: %

Tipo de exploração	Baixa Prod.	Mecani.	Mão-de-obra	Distância	Outros	Sem inculcos
Idosos Isolados	13.3	1.3	8.0	1.3	5.3	70.7
Empresários Exclusivos				12.5	12.5	75.0
Empresários Diversificados	14.3		28.6			57.1
Agric. Excl. Acumulação	3.8	1.0	1.0	0.5	2.9	90.9
Agric. Excl. Subsistência	6.9		5.0	5.0	4.0	79.2
Agricultores Diversificados	8.3		8.3			83.3
Agricultura Complemento	12.5	3.1	3.1		3.1	78.1
Total	7	1	4	2	4	83

Fonte: IEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.25

Explorações que declararam inculcos segundo o motivo de abandono das terras inculcas por tipos

Unidade: %

Freguesias	Baixa Prod.	Mecani.	Mão-de-obra	Distância	Outros	Sem inculcos
Estela/Aguçadoura	1.5		2.9		1.5	94.1
Cavês			7.0			93.0
Cristelo					5.3	94.7
Facha	5.7		2.9	2.9	2.9	85.7
Soalhães	6.1		3.0		6.1	84.8
Soajo	2.1	8.5	2.1	4.3		83.0
Cortiços	18.5		7.4		3.7	70.4
Duas Igrejas	15.8		1.8	3.5	1.8	77.2
Lagoaça	21.2		12.1	6.1	9.1	51.5
Pitões das Junias	5.9					94.1
Soutelo do Douro	6.1			3.0	9.1	81.8
Ucanha	8.3		16.7		16.7	58.3
Total	7	1	4	2	4	83

Fonte: IEA - Observatório Rural 2002

Quadro A.26

Explorações que declararam inculcos segundo o motivo de abandono das terras inculcas por freguesia